
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

PERCURSO E PERCALÇOS DE AFRÂNIO COUTINHO NA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

Marcelo José da Silva (UEL)
marcelojosilva.uel@ig.com.br

RESUMO: Nos anos 40 do século XX Afrânio Coutinho surge no cenário nacional como aquele que promove a passagem da crítica literária impressionista para uma crítica baseada em critérios estéticos. O crítico e professor contribuiu ainda para a criação da figura do crítico universitário, oriundo do meio acadêmico. Como resultado de seu trabalho vem a lume *A literatura no Brasil (1955-1959)* onde o crítico, com a colaboração de outros especialistas, inova pelo abandono da periodização histórica. Sobre o percurso traçado e as pedras no meio do caminho é que nos debruçamos.

PALAVRAS-CHAVES: Afrânio Coutinho; Crítica literária

INTRODUÇÃO

Nos estudos da crítica literária brasileira da segunda metade do século XX avulta-se um movimento considerado basilar para o entendimento de sua configuração atual. Este impulso empreendido pelo jornalista, crítico literário e professor Afrânio Coutinho é marcado pela campanha para por fim à crítica de rodapé considerada uma crítica de caráter impressionista e superficial.

O êxito obtido por Coutinho trouxe como consequência a criação de um novo tipo de crítica realizada a partir de então nas universidades, por críticos formados nas faculdades de Letras, o que contribuiu para a profissionalização da atividade. E mais, da aplicação do método por ele apresentado resultou ainda a edição, sob sua coordenação, de *A literatura no Brasil*. A obra, escrita de forma coletiva, é composta por estudos que abarcam a literatura brasileira de modo inovador, sobretudo no que diz respeito à periodização da história literária brasileira.

Sobre estas questões é que voltamos o nosso olhar. Acreditamos que apesar de ter sido/ser Coutinho considerado uma figura polêmica, em grande parte em decorrência da dificuldade para a compreensão do método por ele apresentado, suas reivindicações a respeito da necessidade de uma mudança da crítica literária na época mostraram-se plausíveis. As alterações promovidas por ele há mais de 50 anos, bem como sua história literária, continuam sendo referenciais importantes não apenas para o estudo da crítica atual, mas também para o estudo da própria literatura brasileira.

O POMO DA DISCÓRDIA

A polêmica em torno da crítica literária brasileira teve como principal protagonista a figura de Afrânio Coutinho e como gênese suas idéias, após regressar dos Estados Unidos, onde trabalhou como redator da edição em português da *Reader's Digest* no período de 1942 a 1945 e no qual frequentou a Universidade de Columbia.

Enquanto residia nos Estados Unidos Coutinho tomou conhecimento do movimento surgido nos anos 30, e fortemente utilizado nos estudos literários nas décadas de 40 e 50, conhecido como *New Criticism*. Movimento esse que propunha uma nova forma de abordagem do texto literário, uma crítica que olhava para a literatura com uma nova especificidade, afastando-se do viés histórico, sociológico e biográfico do autor. Como afirma Lima “a novidade do *New Criticism* residia numa abordagem intrínseca do objeto literário. Assim sendo, eram abolidos nítida e deliberadamente os traços das abordagens ‘extrínsecas’, históricas, biográficas e sociológicas que proliferavam na época” (2002: 553). Obviamente essa nova especificidades não eram tão novas assim, algumas de suas principais reivindicações já podiam ser encontradas em críticos anteriores como “T. E. Hulme, T. S. Eliot, Ezra Pound, I. A. Richards e William Empson” (Lima 2002: 553).

São as preocupações dos *New Critics* americanos que embasarão as idéias de renovação da crítica literária brasileira postulada por Coutinho. Há dois pecados, entretanto: ignora o que havia sido feito até então, e não reconhece a crítica existente que estava sendo veiculada principalmente nos jornais, a chamada crítica de rodapé. Sua atitude frente aos jornais e escritores que se apresentavam como críticos literários foi em grande parte responsável pela rejeição inicial de suas idéias e pelos ataques sofridos por ele, que lhe renderam alguns “desafetos”. Wilson Martins, como exemplo de antagonista das pretensões de Coutinho, o acusa de “vulgarizador de doutrinas alheias” (2002: 55) por ver nas idéias do crítico apenas alterações dos princípios do *New Criticism* americano.

A esse respeito Coutinho, mais de uma vez, afirmou que a “nova crítica” pretendida por ele não era a mesma coisa que o movimento americano, embora fosse bastante parecido. “O que tentei fazer, e, ai de mim, talvez nem por todos entendido, foi a renovação da crítica. Daí ter denominado a tendência de ‘nova crítica’, a qual não se reduzia ao *new criticism* anglo-americano. As duas não são a mesma coisa” (1990:

149). Os estudos que deram origem às suas idéias vinham prioritariamente do formalismo eslavo, principalmente do posicionamento contrário à prática estabelecida pela crítica no século XIX que estava em voga no Brasil até a fase pré-modernista e que caracterizava-se pelo uso de outras áreas do saber como a sociologia e a história na análise da obra literária, em detrimento dos fatores intrínsecos a este, utilizando então o texto como um pretexto para a discussão de caráter social, político, filosófico ou psicológico, quando não baseava a crítica em dados biográficos do autor.

Para Coutinho, toda análise literária deveria assentar-se sobre fatores internos do texto, e não exteriores a ele. E essa era sua percepção do panorama da crítica literária brasileira da época: uma abordagem superficial com o propósito de apresentar uma visão pessoal que geralmente era direcionada pela estética do gosto, pelo conhecimento do autor e mesmo por questões editoriais, o que explicaria as condições de produção dessa crítica que circulava periodicamente nos suplementos literários dos jornais. O rodapé, enquanto espaço de publicação, seria, em sua opinião, o responsável pelo atraso, e de modo mais enfático, pela inexistência da crítica literária no Brasil já que não permitia uma análise completa da obra em questão: “[e]nquanto considerarmos o rodapé a última palavra da crítica, jamais teremos crítica literária, e *ipso facto* literatura” (1969: s/n).

Sua empreitada para a destruição da crítica de rodapé toma corpo a partir de meados de 1948, quando passa a assinar a seção Correntes Cruzadas no Suplemento Literário do Diário de Notícias. Sua seção provocou controvérsias e diferentes reações, principalmente no que diz respeito a utilizar como suporte para suas idéias a coluna dos jornais, o que pareceu para muitos utilizar-se do mesmo veículo que iria combater: as páginas do jornal. Coutinho nos deixa saber, entretanto, que sua luta não era contra o rodapé (vertical ou horizontal), mas contra o caráter opinativo que podia ser verificado nas críticas nele veiculadas.

Mas diante da celeuma causada por seus escritos dominicais, Coutinho procura esclarecer os verdadeiros objetivos de sua seção:

Não é uma seção de crítica literária. /.../ De modo geral, a coluna é uma seção livre, assinada por um livre-atirador, um isolado, um individualista, absolutamente sem compromissos nem com pessoas, nem com grupos, nem com partidos, nem com países. /.../ É uma seção de debate de idéias literárias, e, mais que isso, de provocações a debates, no bom sentido. (1953: s/n)

A verdade é que quanto mais explicava, mais polêmica criava. O ambiente letrado acostumado a publicar suas críticas, classificadas por Coutinho como review na tentativa de defender-se, passavam então a atacá-lo. Pesava sobre ele a acusação de que o que ele estava propondo como seu, um novo método crítico, estava muito próximo das propostas do movimento americano; mais ainda, o fato dele não ter apresentado uma demonstração prática dos preceitos discutidos em seu método.

Ao se referir a Coutinho, Wilson Martins assim o faz: “doutrinando sem cessar sobre o que a crítica deve ser, Afrânio Coutinho jamais demonstrou, pela prática dos

seus princípios, o que ela pode ser” (2002: 62). Afonso Arinos de Melo Franco se utiliza de um tom mais irônico: “Era [Afrânio Coutinho] como um bicho de seda encerrado em seu casulo. Em vez de contemplar as águas do rio, que se atirasse nelas. Não se confinasse à crítica da crítica, aplicasse sua instrumentação à crítica das obras de arte” (Coutinho 1953: s/n). A dificuldade para obtenção de estudos críticos efetuados por Coutinho reforça esta imagem de que ele se ocupou mais em criticar a crítica do que as obras literárias, o que corresponderia, nas palavras de Araripe Junior, “saltar por cima da própria sombra” (Süssekind 1993:13).

As proposições de Afrânio Coutinho não objetivavam construir uma crítica literária brasileira a partir do nada, como muitos entenderam. O que ele propunha, e deixou claro em diversas oportunidades, era uma reavaliação do que se estava a fazer, com vistas a uma mudança, uma renovação. Para o olhar do recém chegado, impregnado das novidades na área literária, e principalmente acadêmica, o fazer crítico da época carecia de mudanças. Os escritos de caráter impressionista, opinativos, sem estudo e análise da obra, na sua visão, com julgamentos infundados, balizados em não raras exceções pela simpatia ou antipatia pelo autor, ou ainda pelo critério do “gostei” ou “não gostei”, não podiam ser considerados crítica; quando muito, estariam próximos da resenha ou do *review* norte americano em que o escritor, ou *reviewer*, fornece informações e suas impressões acerca dos últimos lançamentos e, com isto, busca apresentar fundamentos ao leitor que o auxiliem na decisão sobre a leitura ou não da obra em questão.

Contraopondo a esta visão depreciativa insurgem vozes que se colocam na defesa desta atividade tão comum. Martins chega mesmo a diferenciar as duas “correntes” críticas. Para ele, a crítica de rodapé teria a função de selecionar, julgar os livros novos e autores desconhecidos: “fundado nas reações imediatas de leitura e no contato vital com a obra, sem a mediatização livresca erudita e convencional” (2002: 227). Na esteira do binômio leitor-crítico, Alceu Amoroso Lima ao falar de sua prática enquanto crítico afirma: “queria ser apenas um leitor, que analisa suas próprias impressões de leitura, sem qualquer compromisso nem com um sistema, nem com um movimento” (1980: 31). Na outra extremidade estaria o ensaio crítico, que coaduna com a nova crítica proposta por Coutinho, mais preocupado em compreender a obra de forma reflexiva e teórica, e já livre da “tarefa arriscada e enfadonha” (Martins 2002: 227) do julgamento.

QUE HAJA A CRÍTICA

A figura do crítico literário da época mereceu especial atenção de Afrânio Coutinho. Não passou despercebido a ele que os autores das críticas jornalísticas, ou de rodapé como se convencionou chamá-las, não eram críticos literários de formação, mas antes advogados, jornalistas e professores que se colocavam na posição de críticos. Eram pessoas que, no seu modo acre de dizer, “de um dia para outro, em geral vindos das províncias ou das escolas de Direito, /.../ sem qualquer preparo em história

ou teoria da crítica, se arvorava a escrever sobre os livros alheios, fundados no lema de que aos críticos não se responde” (Coutinho 1990: 146).

Por afirmações deste teor é que se construiu a imagem do homem assoberbado e de pouca humildade. Mas o que Coutinho advogava, de modo enviesado, era a necessidade da existência do crítico formado nas faculdades de Letras, portadores de cabedal teórico sem o que, na sua concepção, não seria possível o exercício da verdadeira crítica literária, ou da escrita que fosse capaz de afastar esta atividade da improvisação. Na realidade, a crítica não especializada dominou o período de 40 e 50 caracterizando-se, segundo Sússekind, pela “oscilação entre a crônica e o noticiário puro e simples, o cultivo da eloqüência, já que se tratava de convencer rápido leitores e antagonistas, e a adaptação às exigências (entretenimento, redundância e leitura fácil) e ao ritmo industrial da imprensa” (1993: 15), portanto, nada propício para o método crítico pretendido por Coutinho que assentava-se justamente na busca e valorização dos valores estéticos da obra.

Essa percepção leva Coutinho a enveredar-se pelos caminhos da academia. Efetiva-se inicialmente no Colégio Pedro II, um dos colégios de melhor prestígio na época, com a apresentação de uma tese sobre o Barroco. Em seguida, implanta e leciona a disciplina de Teoria e Técnica Literária na Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette e, posteriormente, efetiva-se na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde foi um dos criadores da Faculdade de Letras.

Seu envolvimento com o meio universitário o ajuda na divulgação e difusão de seu método, dando origem a uma reflexão crítica que deixaria as páginas dos jornais para efetivar-se no ambiente acadêmico. Evidente que os dois tipos de crítica, a de rodapé e a universitária, iriam conviver quase pacificamente durante algum tempo, mas desde o início já era possível notar o declínio da primeira, especialmente no que diz respeito ao poder do crítico jornalista. À medida que surgem as revistas acadêmicas, com a utilização de um léxico específico, e com a propagação de congressos voltados à disseminação de pesquisas e trabalhos acadêmicos ligados à área da literatura, a crítica dita universitária ligada à especialização acadêmica irá assumir gradativamente o lugar da crítica jornalística, que se não desaparecerá por completo, assumirá o papel de divulgação e comentário de obras literárias, sofrendo inclusive redução do espaço a ela destinada nos jornais.

Apresentada como uma mudança radical a crítica nova que se fazia nas universidades, mostrou-se, no seu início, bastante confusa para quem não estava entre os adeptos da nova metodologia proposta. Apesar do discurso sempre empenhado e veemente de Coutinho, as diferenças não pareciam tão significativas a um olhar menos atento. Houve aqueles que não perceberam a mudança de imediato, mesmo porque estavam mais interessados em buscar e apontar as semelhanças a fim de desacreditá-la.

As posições haviam se invertido. Coutinho, militante incansável, que desferiu golpes mortais à crítica de rodapé, estava agora ocupando posição de defesa. Evidente

que para ele, mentor do movimento renovador da crítica literária, os ataques não passavam de ressentimentos, mas nem por isso ficavam sem resposta. Dois pontos merecem maiores detalhes.

O primeiro, a falta de clareza no tocante a reivindicação de que a crítica deveria pautar-se por um julgamento estético e não por elementos biográficos, históricos, psicológicos e sociológicos. A questão que se levanta aqui seria justamente o vazio, a imprecisão do termo e o entendimento superficial de que o critério estético deveria ser adotado com exclusividade. Ao comparar o fazer crítico dos seguidores dos ensinamentos de Coutinho, era possível verificar a existência desses elementos externos a permear o texto. Com maior vagar na leitura dos textos de Coutinho, na sua *Crítica de mim mesmo*, é possível encontrar momentos em que ele mesmo esclarece a questão:

Na minha campanha, jamais pretendi destruir a história como fator componente do fenômeno literário e conseqüentemente do ato crítico. O que tinha em mente, e hoje se compreende isso, malgrado certas insistências na tecla por parte de alguns, era exagero da história, era o historismo ou o historicismo, vale dizer, a tendência a querer explicar a obra de arte literária exclusivamente pela história, pelos fatores extrínsecos que a rodeiam. / ... / O estético inclui, incorpora o histórico, o social, o político, o religioso, o econômico, porém esses elementos não mais existem na obra tais como estão na realidade.

Com essa explicação, ele buscava por fim ao debate que classificou como “recurso de polêmica inferior”. Fica claro o posicionamento do crítico. No seu entendimento, toda crítica deveria partir dos aspectos literários encontrados no texto, ou seja, em sua literariedade. O papel do crítico seria o de descobrir, revelar tais elementos, contando, se necessário, com o subsídio de seus conhecimentos nas demais áreas.

Em segundo lugar, o clássico entrave surgido entre a velha crítica, designada de forma pejorativa como crítica de rodapé, e a nova crítica, erroneamente chamada de crítica universitária. Não existia, na realidade, uma crítica universitária, o termo era empregado para nomear a produção crítica nascida nos domínios das universidades e faculdades. Pautada por um caráter científico e filosófico, exercida por críticos com formação acadêmica, essa nova crítica acentuava o papel da teoria na abordagem do texto literário e se utilizava de uma metodologia rigorosa cujo objetivo seria analisar os aspectos intrínsecos e estéticos da obra. Em decorrência disso, este novo formato foi acusado de ser elitista e demasiadamente erudito, afastado do leitor comum e dirigido a alta cultura. De modo especial a partir do momento em que se ausenta do jornal e passa a circular em um meio mais restrito como os congressos, seminários, teses e revistas especializadas. Devemos considerar que o próprio código semântico utilizado pela academia resulta no distanciamento do público de sua produção, e isto não estava circunscrito ao campo da crítica literária.

DA TEORIA À PRÁTICA: A LITERATURA NO BRASIL

Apesar de toda a polêmica, o empreendimento de Afrânio Coutinho trouxe grandes contribuições para o campo dos estudos literários. De modo efetivo, seu trabalho resultou na edição de uma nova história literária, lançada em quatro volumes no período de 1955 a 1959, e reconfigurada a partir de 1968 para seis volumes. Um compêndio dividido em três partes, que não se limita ao tempo presente, mas se arrisca a apresentar os rumos da literatura brasileira. Na primeira parte, Generalidades, como o próprio nome sugere, são apresentados aspectos introdutórios da obra e panorama geral da literatura. A segunda parte, Estilos de Época e Movimentos Literários, que pode ser considerado o cerne da obra, apresenta em quatro volumes os estudos críticos divididos em Barroco, Neoclassicismo e Arcadismo; Romantismo. Realismo, Naturalismo e Parnasianismo; e por fim, Simbolismo, Impressionismo e Modernismo. O último volume da obra, Relações e Perspectivas, destina-se a apresentação de estudos sobre o drama, o conto, a crônica, a literatura infantil e a relação entre literatura e outros campos do saber.

A primeira inovação apresentada por *A literatura no Brasil* diz respeito a sua constituição. A obra foi dirigida por Afrânio Coutinho e escrita de forma coletiva com a colaboração de cerca de 50 especialistas recolhidos dentre aqueles cuja crítica correspondia ao conceito de crítica difundido por Coutinho, ou dele se aproximava. Escrita a várias mãos, era de se esperar que ocorressem pequenas digressões, pequenos desvios do plano conceitual, em virtude, como reconheceu o diretor, da incompreensão do sentido das inovações dos métodos e conceitos a serem utilizados.

Mesmo com as divergências entre o conceito base e a apresentação final de *A Literatura no Brasil*, Coutinho postula para a obra o mesmo caráter renovador que o seu método crítico havia imprimido à crítica literária da época. Para ele a natureza estética, o tratamento dispensado a análise dos elementos intrínsecos da obra literária e, sobretudo, a sua não subordinação à história e aos dados biográficos, fazem de sua obra um “divisor de águas” em comparação com obras de caráter idêntico publicadas até então, conforme pesquisa de Severino (2008): *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero; *História da literatura, de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1608)*, de José Veríssimo; e *Pequena história da literatura brasileira*, de Ronald Carvalho, todas pautadas por um caráter histórico-biográfico.

COMENTÁRIOS FINAIS

À guisa de conclusão, cumpre destacar o nosso entendimento do que foram as grandes contribuições de Afrânio Coutinho no campo dos estudos literários no Brasil: O empenho para o abandono da crítica de caráter impressionista, superficial e sem cunho científico e sua renovação; A valorização do trabalho crítico surgido no meio acadêmico, o que trouxe vários benefícios para o ensino universitário no Brasil

e contribuiu concomitantemente para uma mudança na cartografia da crítica literária anteriormente centrada no eixo Rio - São Paulo.

Cabe ainda destacar a importância da obra *A literatura no Brasil* como um marco dentre as obras do gênero ao utilizar a periodização por estilos e não mais por momentos histórico e/ou políticos, encaminhando assim as obras que surgirão posteriormente, e que encontraram um terreno preparado para se erigirem.

Concordamos com os que afirmam que a figura do “crítico da crítica” literária sombria a figura já esmaecida do crítico literário. Entendemos, porém, que neste jogo de luzes e sombras a resplandecência de Afrânio Coutinho, aquilo que faz com ele se sobreponha a figura de seus críticos e que justifica sua permanência no âmbito dos estudos literários, encontra-se na sua disposição para “pentear o pelo no sentido inverso do seu crescimento” (Bernd 1988: 15), ou seja, sua capacidade de colocar-se em marcha a fim de promover a ruptura de uma situação vigente, mesmo antevendo a difícil missão a que se propõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução. Correntes Cruzadas*. Rio de Janeiro: A noite, 1953, pp. I-XXIII. Disponível on-line em <<http://www.pacc.ufrj.br/literaria/correcreuza.html>>. Acesso em 13 de maio de 2009.

———. *A crítica e os rodapés. Crítica & críticos*. Rio de Janeiro: Simões, 1969, pp. 19-23. Disponível on-line em <<http://www.pacc.ufrj.br/literaria/rodapes.html>>. Acesso em 13 de maio de 2009.

———. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2003. 6 vol.

———. *Crítica de mim mesmo*. Disponível on-line em <<http://www.pacc.ufrj.br/literaria/mimmesmo.html>>. Acesso em 13 de maio 2009.

———. *Impertinências*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

LIMA, Alceu Amoroso. *Teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

SEVERINO, Eduardo R. *A teoria da narrativa historiográfica em Tempo e narrativa: uma contribuição para uma historiografia literária brasileira*. Dissertação. PUC Rio. 2008. Disponível on-line em <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/acesoConteudo.php?nrseqoco=39342>>. Acesso em 28 de junho de 2009.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

AFRÂNIO COUTINHO'S TRAJECTORY AND TROUBLES IN BRAZILIAN CRITICISM LITERARY FIELD

ABSTRACT: In the 1940s, Afrânio Coutinho emerges on the national scene as the one who promotes the passage from an impressionistic literary criticism to a based-on-aesthetic-criteria one. The critic and professor also contributed to the arising of the professional critic figure coming from academic world. As a result, Coutinho, with the collaboration of other specialists, publishes *A literatura no Brasil* (1955-1959) introducing a new criteria and promoting the abandon of historical periodization. In this paper, we deal with his trajectory and the stones in the middle of the road.

KEYWORDS: Afrânio Coutinho; Literary criticism.

Recebido em 8 de julho de 2009; aprovado em 29 de outubro de 2009.